



Sociedade das Ciências Antigas

O OCULTISMO

POR

CHARLES BARLET

DEFINIÇÃO DE OCULTISMO

Quando consideramos o conjunto das Ciências sob o ponto de vista de seus métodos e meios de investigação, encontramos em primeiro lugar as Ciências positivas. Seu objetivo é a pesquisa dos fatos e das leis correspondentes, através dos cinco sentidos físicos e da lógica; instrumentos rigorosos que permitem à Ciência conhecer o fenômeno até a sua teoria, ou seja, a sua causa próxima imediata.

Há também outro tipo de Ciências chamadas filosóficas ou metafísicas, cujo objetivo é o conhecimento das Causas Primeiras de todas as Coisas e Causa única de todas as Causas. Ela se baseia principalmente nas propriedades, faculdades e idéias fornecidas pela alma humana.

Existe um grande abismo entre ambas. Seus domínios são inteiramente opostos: as Ciências Positivas ocupam-se exclusivamente com os fatos e objetos concretos; as Ciências Filosóficas ocupam-se com tudo o que é imaterial por excelência. Seus métodos ou pelo menos suas tendências metodológicas, não são menos distintas: uma se eleva das observações mais positivas e materiais até as abstrações mais gerais - leis e causas gerais imediatas aplicáveis a cada classe de fatos; a outra, desde o início, deve se remontar a alguns princípios universais muito simples, os quais abrangerão suas explicações mais especiais, descendo do mais imaterial para o material.

A época atual se caracteriza pela tentativa de incluir a filosofia no quadro das Ciências Positivas; porém, apesar dos subterfúgios empregados, ela ainda não conseguiu se libertar, sem abalar todo o conhecimento, das Categorias ou Princípios primeiros, que se acham na base da Filosofia e a colocam em confronto com as Ciências Positivas.

Parece existir um terreno comum entre elas, onde elas podem se unir: é o da hipótese; mas ainda assim a oposição se manifesta, pois chegam a este terreno caminhando em sentido contrário. É lá, com efeito, que vai chegar a ciência positiva após seus maiores esforços; ao passo que a metafísica encontra ali seus primeiros princípios. Além disso, esse campo intermediário é o da incerteza, ou aquele em que mais facilmente se desenvolvem as lutas pela defesa das convicções. Por enquanto só as oposições o ocupam.

Essas duas ordens de conhecimentos, os positivos e os metafísicos, acham-se em contínua luta desde os mais remotos tempos; hoje, mais do que nunca, a ciência positiva nega à intuição, a certeza de seus dados, opondo-lhe a teoria rejuvenescida do subjetivismo; ao passo que a metafísica se obstina em censurar sua adversária pela oposição invencível aos instintos mais arraigados e mais irresistíveis da natureza humana.

Entretanto, cada uma dessas duas ordens de ciência é tão indispensável à outra como a sombra à luz, a resistência à potência, a síntese à análise, a substância aos acidentes do fenômeno. A Ciência Positiva não pode basear suas deduções ou induções senão sobre as regras fundamentais da alma

humana, e particularmente sobre as categorias. Assim também, não é lícito à metafísica, desprezar as asserções dos sentidos e a inevitável fatalidade dos fatos perfeitamente analisados por sua rival.

Esta observação destaca claramente a oposição das Ciências; elas são complementares e não incompatíveis. Ora, tudo tende a se reunir ao seu complementar e pode consegui-lo desde que encontre um intermediário capaz de participar de um e de outro sem destruir sua unidade pessoal; é assim, por exemplo, que as cores complementares acham sua união no branco que as contém; que os dois infinitos de grandeza e pequenez se confundem em toda forma finita; é a mesma lei perfeitamente desenvolvida por Hegel na base de sua lógica pelos conhecidos termos: tese, antítese e síntese.

Se o espírito humano em busca da verdade é solicitado em duas direções opostas, sem poder abandonar-se inteiramente a uma ou a outra, é preciso que haja entre esses dois extremos uma ciência intermediária própria para reconciliá-las, para sintetizá-las. Na natureza tudo é harmonia, em parte alguma ela apresenta um abismo semelhante ao que parece haver entre as duas ordens de ciências; menos ainda deve apresentar ao espírito humano, ao qual é permitido abranger, não só em seu conjunto como em seus detalhes, a extensão infinita e a harmonia transcendente do Cosmos.

Essa ciência intermediária deve tratar, como a positiva, dos fatos acessíveis aos nossos sentidos físicos e, entretanto, inexplicáveis pelos métodos extraídos desses sentidos, ela deve recorrer a sentidos transcendentais, análogos ao mesmo tempo aos sentidos ordinários e às faculdades psíquicas tais como a imaginação e a intuição. As causas dos fenômenos descobertos por ela serão imediatas e próximas como as reveladas pela ciência positiva, porém tomadas de um mundo diferente do nosso mundo físico; serão causas seguidas, superiores, transcendentais, por assim dizer, próximas das causas metafísicas. Pode-se, pois prever, que nessas ciências a matéria a ser tratada será de ordem mais sutil que a que nos é familiar, mais sutil que o estado mais sutil desta que nos é conhecida.

De outro lado, nesta ciência intermediária, a espiritualidade pura da filosofia, a abstração metafísica deverá descer de sua imaterialidade completa e envolver-se de materialidade transcendente da qual acabamos de falar. Ela deve, pois, fazer conhecer seres mais universais que os que são familiares, mais etéreos, mais poderosos e mais aproximados da fonte das forças, porém, mais limitados e pessoais. Assim, todo um mundo especial deve corresponder a esta ciência intermediária, e, ao mesmo tempo, devemos ter em nós mesmos alguma coisa deste mundo particular que nos permita percebê-lo, já que nossa espécie encerra a aparente antinomia das realidades que se reúnem neste terceiro termo.

Enfim, esta ciência, que participa tanto da física como da metafísica, que faz conhecer, não só pela idéia, mas por uma percepção real, isto é, sensível sob certas condições a seres e coisas intermediárias entre nós e a causa primeira, que nos liga a esta por meio destes seres, é uma ciência prática chamada de ciência religiosa.

Ora, tal ciência existe, é conhecida, cultivada e ensinada desde os tempos mais antigos. É ela que, com ou sem razão, denominamos hoje de Ocultismo.

Segundo o caráter que acabamos de atribuir-lhe, o Ocultismo deve comportar, e comporta, com efeito, os seguintes aspectos:

- a.- Fatos acessíveis aos nossos sentidos e devidos à ação da força sobre matérias mais sutis que a nossa;
- b.- A arte de manipular essa matéria e as forças que nelas agem;
- c.- O conhecimento de seres incorpóreos nessa mesma matéria e sua participação na vida universal;

d.- A arte de se comunicar com esses seres.

O Ocultismo deve, além disso, explicar aos filósofos como esses mesmos seres são ligados à causa primeira, e como podem ser ligados à realidade de nosso mundo; deve apresentar uma solução detalhada para os problemas cósmicos e psicológicos que ainda separam os filósofos; deve ainda, suprimir a antinomia do Espírito e da Matéria além de fazer conhecer a realidade da substância. Em uma palavra, O Ocultismo é a ciência das Causas Segundas ou semi reais.

Desta forma, sob o ponto de vista do ocultismo, o conjunto dos conhecimentos humanos deve compreender três ramos principais de ciências:

1.- A **Ciência Positiva** - ciência das causas mais próximas do movimento e das relações de todas as coisas.

2.- O **Ocultismo** (ou ciência das causas segundas).

2.1.- **Matérias e forças** mais sutis que as nossas, consideradas como causas físicas remotas dos fenômenos da ciência positiva;

2.2.- **Seres** correspondentes a essas matérias, (ontologia e cosmologia), agentes e causa físicas dos fenômenos.

3.- A **Filosofia** - Ciência das causas primeiras e da causa de todas as causas.

Não tratemos aqui senão da segunda ciência destas três divisões principais, O Ocultismo, estudaremos seu método, suas partes essenciais e sua classificação.

MÉTODO DO OCULTISMO

Até hoje o Ocultismo aparece como uma ciência puramente tradicional cujas asserções são verificáveis, ou suas aplicações acessíveis somente a um número restrito de pessoas de natureza privilegiada. Normalmente, deixa-se de lado a questão de seu método¹. Não é assim que devemos tratá-lo, é preciso questionar se o Ocultismo pode de alguma forma, se ligar às nossas ciências positivas; se pode, de fato, reivindicar a qualidade de ciência, atribuído pela denominação de *ciências ocultas*, e, em caso afirmativo, qual pode ser seu método e que valor tem a tradição que o conservou.

Não se pode fixar o método de uma ciência, antes que ela esteja bastante aperfeiçoada como para fornecer uma boa base de apreciação de seus meios. Não é o caso do Ocultismo, quando se pretende considerá-lo como uma ciência, pois que ele apenas começa a ser recebido no mundo dos cientistas. É preciso procurar, segundo a definição dada anteriormente, qual pode ser no estado atual, o método próprio ao Ocultismo para que ele se classifique entre as ciências.

¹ Entre os contemporâneos, só um autor tratou explicitamente do método em Ocultismo; foi Papus, em seu *Tratado Metódico de Ciência Oculta*. O método que ele lhe atribui é a Analogia. Contudo, a analogia não é um método, mas um modo de raciocínio mais imperfeito ainda que a indução e sobre o qual seria totalmente impossível fundamentar uma ciência, pois as conclusões mais afastadas do princípio central tornar-se-iam tão diferentes deste, que perderiam todo o seu valor. Aliás, para aplicá-la ao Ocultismo seria preciso partir, ao menos, de um princípio considerado como certo, por exemplo, a Trindade, como o faz esse autor); tal princípio, necessariamente cosmológico, não pode ser encontrado no mundo simples dos fatos físicos; ele será metafísico, hipotético ou tradicional e assim, o método se colocará em um dos sistemas ordinários que iremos recordar. A analogia não poderá, de modo algum, constituir o método especial do Ocultismo.

Sabemos que o método, em ciência, pertence sempre a uma das duas espécies contrárias: o *a priori*, que deduz todas as suas asserções de princípios superiores, já estabelecidos como certos; e o *a posteriori*, que procede por indução, fundamentando-se sobre o alicerce dos fatos estabelecidos por meio da observação e da experiência.

O primeiro gênero é mais próprio às ciências metafísicas; o segundo a ciência positiva. A ciência oculta, que é intermediária, não pode contentar-se com um único gênero, mas deve uni-los, completando um pelo outro, o que resultará num método essencialmente sintético².

Assim sendo, resta saber de que lado se encontra o ponto de partida, nos princípios estabelecidos *a priori*, ou na observação e experiência.

Examinemos primeiramente o segundo caso, o de uma ciência baseada sobre o estudo positivo do fenômeno. A ciência positiva apoderou-se atualmente de alguns dos fenômenos atribuídos ao Ocultismo, a fim de submetê-los ao seu método próprio e constituí-los em ciência positiva. O que poderá resultar de tudo isso?

As forças que estamos acostumados a estudar são inteiramente independentes de nós; agem sem nós e a despeito de nós; podemos desviá-las, combiná-las, mas não modificá-las, já que pertencem à matéria física.

As forças estudadas pelo Ocultismo, ao contrário, são por natureza, ligadas à matéria sutil de ordem diversa da nossa, e esta matéria que está em nós³ é tão necessária à observação como à produção do fenômeno a estudar. Resultam assim, condições especiais de exploração que nós ignoramos, as quais devemos, entretanto, nos submeter, e que só o aprofundamento pode-nos ensinar. Em outras palavras, a observação é principalmente psíquica como os fenômenos que se classificam hoje sob esta denominação; aqui a ilusão deve abundar e nós, nos achamos fechados em um círculo vicioso.

O que fez a ciência positiva para fugir desta dificuldade? Procurou concentrar suas observações sobre os fatos psíquicos próprios à natureza humana, e que se produzem em nós mesmos. Ela conseguiu assim reunir toda uma ordem de fatos que parecem poder ser explicados por simples desarranjos fisiológicos, e que levariam à conclusão de que o pretense ocultismo não é senão o resultado subjetivo e ilusório de perturbações orgânicas. Muitos sábios reconheceram, porém, a insuficiência dessas observações que desprezam uma quantidade considerável de fatos bem constatados e inexplicáveis por essa teoria: Exteriorização da sensibilidade, da motricidade; subtração da matéria ordinária ao peso, decomposição da matéria, que se torna penetrável no fenômeno do transporte⁴.

Até então não levamos tão longe como poderíamos, o estudo dos fenômenos psíquicos produzidos pela vontade, seja sobre seres vivos (como os fatos do magnetismo animal, tão imperfeitamente reproduzido pelo hipnotismo), seja sobre a matéria inerte. A sua importância, entretanto, é capital, pois revelam em nós mesmos a presença de uma força ativa, de natureza psíquica, isto é, uma ação que entra inteiramente na ordem dos fatos do Ocultismo, pois revela a existência dessas forças espontâneas ou *idéias-forças* intermediárias entre os dois mundos psíquico e metafísico.

² Sem dúvida, todo método científico emprega a Síntese, seja como ponto de partida no processo *a priori*, seja para a conclusão da análise preliminar; mas são sínteses diferentes entre si e do Ocultismo: a primeira (*a priori*), pode ser bastante contestável por ser muito elevada; a segunda, ao contrário, não pode ultrapassar o nível inferior das causas próximas. A síntese do Ocultismo deve ser essencialmente a intermediária, que une os primeiros princípios ao último dos fenômenos analisados.

³ A existência de tal matéria está demonstrada pela observação positiva; para nos assegurarmos disso, basta lembrarmos dos trabalhos e publicações do positivista Assier, do químico Crookes, do Dr. Gibier e do Cel Rochas.

⁴ Ver os trabalhos de Rochas, Crookes e de Maxwell.

Ora, nesta ordem de idéias, há mais a fazer; a própria definição do Ocultismo nos conduziu precedentemente ao pensamento de que devem existir seres próprios à matéria hiperfísica, e que esses seres dispõem ali de forças correspondentes; os chamados fenômenos espíritas confirmam esta probabilidade manifestando muitas vezes atividades inteligentes e espontâneas diferentes da inteligência e da vontade dos assistentes. Mas a observação puramente positiva não pode fazer conhecer esses seres, dos quais ignora todas as condições de existência. Em suma, o processo analítico, *a posteriori* ou indutivo encontra aqui grandes dificuldades:

- as atividade de uma matéria cuja natureza lhe é inteiramente desconhecida, a ponto de pôr em dúvida a sua existência;
- as condições, não só do fenômeno, mas também de sua observação não menos desconhecidas devido a essas pesquisas viciosas;
- a influência do observador sobre o fenômeno a estudar;
- e, principalmente, a influência de atividades estranhas à humanidade e superiores ao poder humano, mas que ainda se conserva oculto e misterioso.

Sem dúvida, uma série perseverante de experiências, ensaios e retificações poderiam transpor este conjunto de obstáculos; pode-se, porém, calcular a série de anos necessária para se alcançar esse objetivo, ao se aproximar o estado atual da ciência positiva nestas matérias, sendo que os primeiros fenômenos do espiritismo remontam a mais de meio século. Na realidade, o Ocultismo como ciência positiva, encontra-se ainda em seus primeiros rudimentos; o espírito humano é demasiado impaciente, principalmente em nossa época; o assunto é, por sua vez, bastante urgente, para que possamos contentar-nos com as vagas esperanças de solução que a ciência positiva nos promete dentro de alguns séculos. Vejamos, pois, o que podemos pedir ao método da hipótese verificável pela experiência: tomemos novamente a dificuldade há pouco assinalada das espontaneidades que intervêm no fenômeno psíquico e, particularmente, o efeito da vontade ou da sensibilidade humana.

Nossa alma, seja qual for a sua natureza, está compreendida nos objetos de estudos que comporta o Ocultismo, pois que ela produz como foi dito há pouco, uma parte de seus fenômenos, tais como o pressentimento, a visão à distância, todos os fatos de telepatia, a previsão dos acontecimentos futuros, etc. Esta participação de nossa alma nos fatos psíquicos é de duas espécies em alguns, como os que acabam de ser lembrados, ela é puramente passiva, receptiva; em outros, ao contrário, ela é ativa, exerce sua vontade, mostra-se dotada de espontaneidade, dirige ela mesma a força a estudar; tais são os fatos do magnetismo, do hipnotismo, no que concerne ao operador (sugestão, fascinação, cura, modificações fisiológicas e deslocação de corpos materiais) Os fenômenos deste gênero nos coloca em presença do poder motor, em sua fonte, em face da causa segunda, objeto do Ocultismo, e essa causa está em nós e, ao mesmo tempo, fora de nós⁵. Eles provam também, o poder da idéia para a direção da força, porque, assim como o demonstrou Ed. de Hartmann (na Teoria do Inconsciente) o primeiro ato da vontade é a Idéia da causa desejada, a Idéia que deve despertar o poder para transformar-se em ato, torna-se a idéia-força. Esses fenômenos demonstram o adágio do Ocultismo: “pensar é criar”.

Esta nota fornece uma primeira consequência muito importante para o nosso assunto: a matéria e a força, que é inseparável dela, não são os únicos elementos do Universo; além delas, há um terceiro poder que as domina e delas dispõe: a espontaneidade. Esse poder existe tanto na natureza, como

⁵ Não se trata aqui de nossa Vontade: Schopenhauer pode sustentar que a espontaneidade não está em nós, não pertence senão ao Universal do qual somos instrumentos; o que importa é que tal espontaneidade se manifesta em nós e por nós; que, por sua ação, modifica o fenômeno psíquico e que essa ação é submetida ao jogo de nossas paixões.

em nós mesmos com seu caráter de indivisibilidade e de irresistibilidade inquebrantável⁶. Essa espontaneidade não está toda em nós; ela conserva bem seu caráter de indivisibilidade, mas, em vez de exercer-se, em toda a sua extensão, ela está presa em limites bem estreitos, pela espontaneidade universal da natureza⁷. Ela é a mesma em nós como na natureza, pois que pode agir sobre as moléculas e os átomos dos corpos, como mostram os fenômenos de levitação, de transporte da matéria à distância e através da matéria e os de inflamação espontânea, ambos notória e publicamente produzidos pelos Faquires e os Yoguis da Índia e, mais raramente na Europa.

Nós podemos nos colocar em oposição, ao menos parcial e momentânea, com a espontaneidade que governa as forças da natureza; é o que ainda provam os fatos citados, pois se vê aí o homem agir contra a gravitação, a coesão ou a afinidade química. Contudo, a Natureza reagirá necessariamente, com maior ou menor rapidez, porque é claro que a ordem cósmica não pode ser perturbada por nós senão em proporções ínfimas.

As formações engendradas por nosso pensamento serão efêmeras todas as vezes em que não estiverem em concordância com a ação da natureza e na proporção em que lhe forem contrárias; em outras palavras, elas podem ser de três espécies: duráveis, por tempo ilimitado, se cooperarmos com a natureza; imediatamente mortais, se estão em contradição com as manifestações *atuais* do cosmos, mas superiores a estas em intensidade, o que pode ser conhecido através da Astrologia; nulas, se forem ao mesmo tempo contrárias e internas. As duas últimas espécies de manifestações, que são quase exclusivamente as ordinárias, produzirão sempre uma desordem maior ou menor no mundo que o ocultismo explora, podendo perturbá-lo, desviá-lo ou inibir-lhe a manifestação.

A ciência positiva em seu estado atual está mais ou menos certa ao se colocar em face de fenômenos falsos e ilusórios. As causas dessa perturbação fundamental podem ser conhecidas, até certo ponto.

A oposição vinda de nosso fato - não só dos fatos do observador, mas do de todo o seu ambiente, atual ou habitual, do meio em que vive - esta oposição às vibrações cósmicas não vêm somente do exercício de nossas forças psíquicas, ela remonta até ao nosso pensamento, que é o seu motor. Nós somos expostos a pecar tanto por ignorância como por fraqueza. Ora, nós não somos somente muito ignorantes e muito fracos em presença da idéia e da força universal; somos também muito influenciados por ela, e nossa personalidade reage desordenadamente contra essa influência. Nós agimos muito mais sob o impulso de nossas emoções, do temor ou do desejo, da paixão em fim, do que por uma vontade verdadeira e puramente espontânea, razoável e racionada. Essas impulsões perturbadoras podem, em última análise, levar a três defeitos essenciais.

Primeiro, o desejo de poder e de imortalidade imediata levado ao extremo; ou desejo, naturalmente falso, de querer e crer desde agora nossa personalidade infinita em força e em duração. É o que constitui o *Orgulho*.

Segundo, em sentido contrário, ainda somos retidos pela ânsia de nos satisfazermos, sem que tenhamos que produzir nem um novo esforço: é a força da inércia, a *Preguiça*.

Terceiro, Sua combinação faz com que nossa espontaneidade, cega por essa dupla ilusão, crie poder satisfazer-se inteira e imediatamente, em detrimento dos que a rodeiam e que ela desconhece ou despreza⁸. É o efeito que se manifesta pelo *Egoísmo*.

⁶ Consultar os notáveis trabalhos do Prof. G. Colazza: “Sobre a vida dos cristais”

⁷ É o que demonstram, por exemplo, os presságios fornecidos pela Astrologia, que será explicada mais adiante, dos quais todos podem verificar a realidade: A formação dos cristais indicada na nota precedente já é uma prova dessa superioridade da Natureza, pois o eixo não pode ser quebrado por nossa intervenção.

⁸ Os fenômenos de possessão e de obsessão não são, infelizmente, raros entre os que estudam o ocultismo, inclusive se poderia citar casos terríveis e de fim trágico.

A estas dificuldades, todas psíquicas, que perturbam profundamente os fenômenos do mundo psíquico, não há senão um remédio: a *Virtude*, ou conformidade da espontaneidade individual com a universal. A observação, o governo da vida física não são intimamente puros e certos senão para um observador virtuoso até a santidade e em um meio virtuoso como ele. A ciência oculta é religiosa por excelência. Fora desta condição, a prática não é somente falsa, é também perigosa, em proporção à corrupção do operador e do seu meio; primeiramente, porque pode atrair, devido a sua própria desordem, um momento de triunfo, as reações da vontade universal, que o castigarão por sofrimentos proporcionais ao mal que ele tiver produzido; e também porque, em sua imperfeição, ele pode se achar em presença de espontaneidades também desviadas, mas invisíveis e bem mais poderosas que ele. Ora, contra tais poderes, a virtude é o único escudo verdadeiramente eficaz, a única arma invencível.

É por este motivo que as ciências psíquicas têm sido em todos os tempos, ocultas do interesse dos ignorantes e indignos; por isto são ensinadas senão com a condição de uma iniciação moral rigorosa e prolongada.

Não é só nas teorias e nos sentimentos que o ocultismo exige que ele seja religioso; ele deve ser também religioso na prática, pelo culto, porque deve defender-se contra o poder maléfico mais terrível - o invisível, que pode suprimir o espaço e o tempo.

É por este motivo, que todas as religiões chamadas a operar sensatamente no domínio do invisível, tiveram a prudência de proibir o ocultismo ao público que elas devem educar e proteger.

Deve-se concluir então, que devemos renunciar ao estudo do ocultismo pelo método positivo da hipótese verificada pela observação, até que estejamos bastante seguros de nossas virtudes e de nossa ciência para alcançar um resultado? Devemos adiá-lo? Até quando, à custa de quantos esforços e quantos perigos inesperados, na sua maior parte? - Não, nosso século é bastante ávido de conhecimento e de progresso para deixar para o futuro o cuidado de resolver os maiores problemas que atormentam a humanidade. Ele renunciará menos a esta pesquisa que a qualquer outra; e, no entanto, as dificuldades intelectuais e morais se reúnem para detê-lo.

Em todos os tempos surgem homens que alcançam um estado de ciência e santidade necessário para o conhecimento puro e a prática benfazeja do ocultismo; podemos ouvi-los, seguir seus ensinamentos, seus métodos, tomá-los por mestres. É preciso somente saber encontrá-los, porque os imitadores não faltam, mais ou menos ignorantes, mais ou menos perversos, algumas vezes perigosos, e sempre conhecidos por sua presunção e pelo exagero de suas promessas.

Os verdadeiros adeptos da Ciência Sagrada ficam geralmente retirados do mundo, pois os eflúvios perturbadores da multidão os paralisariam; eles se reúnem em retiros afastados, dificilmente acessíveis e pouco conhecidos, em comunidades ou colégios onde suas forças psíquicas reunidas possam ser exercidas com mais poder e eficácia no mundo invisível. Eles ficam mais ou menos ignorados ou inacessíveis ao público. Mas em todos os tempos, e no nosso especialmente, ansiosos por secundar da melhor forma possível a humanidade, eles têm se manifestado através de emissários encarregados de levar ao mundo os ensinamentos e as práticas de suas instituições seculares⁹.

⁹ Hoje em dia, muitas sociedades se declaram inspiradas por colégios de iniciados: a Sociedade Teosófica, fundada por Madame Blavatsky; a H.B. de L, extinta há anos; a Filosofia Cósmica: o Centro Esotérico Oriental; numerosas publicações periódicas ou não, nos tem tornado conhecidas. A celebre Rosa-Cruz do século XVI, a Franco-Maçonaria, em sua pureza primitiva, agora bem esquecida, são derivações dos colégios de adeptos, adaptados e adequados aos costumes mais modernos; espécies de terceiras-ordens da iniciação.

Eram eles quem governavam na antiguidade os grandes mistérios espalhados por todos os povos como o ensino transcendente da religião comum. Não podemos ter a pretensão de designar especialmente estes Magos, de pronunciarmo-nos sobre os mestres mais ou menos autorizados que disputam a confiança do público, ávido da ciência oculta; seria sair do círculo desta introdução que não tem outro objetivo senão expor o conjunto e a ordem da ciência oculta, emprestando-os a esses Mestres Superiores.

Porque estes adeptos e seus discípulos agiram, falaram, escreveram durante longos séculos; suas palavras, seus escritos formam um todo, uma Tradição secular, que podemos consultar e onde encontramos um acesso rápido e seguro a todas as divisões da Ciência Oculta. Com efeito, ou a tomamos como uma revelação primitiva conservada com cuidado e transmitida escrupulosamente de século em século, ou, por falta de testemunhos que nos satisfaçam, não queiramos ver nela senão uma ciência desenvolvida desde os mais remotos tempos por um exercício contínuo; em qualquer dos casos podemos aceitá-la como uma hipótese que teremos de verificar, submetendo-nos primeiramente a todas as condições por ela mesmo indicadas.

Assim, entraremos no método ordinário de nossas ciências, e nos acharemos precisamente neste processo intermediário que o ocultismo necessita. A hipótese que nos fornece a Tradição liga-se por sua natureza, de um lado à filosofia, do outro à ciência positiva; ela é, pois, menos extrema que as hipóteses próprias a cada uma dessas duas espécies de ciências opostas; ela conterà a ciência média das causas segundas. Em resumo, o método positivo, e a posteriori, parece aplicável ao ocultismo se for considerado como uma hipótese fornecida pela Tradição, verificável por observações e experimentações feitas sob as condições fixadas pela própria Tradição.

Entretanto, esse método não exclui o método contrário, ou a priori, porque uma vez senhor das noções abstratas do Ser e do Não-Ser, da distinção do Real e do Absoluto, não é difícil fazer decorrer delas por simples deduções lógicas a convicção e o conhecimento elementar dos seres e dos fenômenos de que se ocupa o ocultismo; a prática confirmará ou retificará essas primeiras noções.

É impossível desenvolver aqui os postulados desse método sem recorrer aos mais altos desenvolvimentos da filosofia; teremos a oportunidade de dar uma idéia sobre eles no próximo capítulo, onde os primeiros princípios da Tradição deverão ser expostos resumidamente. Tal método, de resto, não é estranho aos nossos sábios; é idêntico aos dos geômetras, dedução sucessiva das conseqüências de um princípio tido por evidente, com a confirmação pela realidade dos fatos¹⁰. Ele é, o mais rápido e até mesmo o mais seguro, porque através de seu processo que compreende as exigências morais, acaba ficando mais potegido dos perigos e dificuldades da experiência pura; ele nada tem a temer senão as ilusões do entusiasmo, do qual pode preservar-se pela razão. É este o método que os mestres do ocultismo geralmente empregam no seu ensino; seu apoio e sua direção constante lhes são muito necessários aos Mestres¹¹.

O ocultismo tem, pois, em suma, os dois métodos a seu serviço, era de se esperar que ele tocasse os dois domínios extremos da filosofia e das ciências positivas e, pela mesma razão, em cada um desses métodos a experiência vem em apoio a hipótese e ao postulado; a preferência por um ou por outro depende do caráter do estudioso, mas o mais feliz pela rapidez de seus progressos é, sem dúvida, o método dedutivo e a confiança no mestre escolhido.

FIM

¹⁰ Ninguém ficará surpreso com esta identificação de métodos, se refletir que a Geometria é a Ciência da Forma, e que a Forma em si pertence ao domínio do Invisível.

¹¹ É neste método que o processo da analogia se aplica particularmente.